

# PRÁTICA INTERPRETATIVA DA REFORMA PROTESTANTE: O retorno ao método interpretativo mais fiel

Luiz Antônio Silva de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

Para aqueles que se debruçam no estudo das Escrituras, um dos campos de batalha mais intenso é o campo hermenêutico. Foi, contudo, no decorrer da história que a hermenêutica ganhou contornos que se perpetuaram ao longo de um período que determinou o entendimento e a prática das Escrituras. Lidando com tal questão, este artigo se concentra tanto nos aspectos que se tornaram *tendências interpretativas* durante a história, além de revisitar seus principais personagens, contribuindo não só para uma melhor compreensão da história da interpretação bíblica, mas para que não se incorra no erro de ignorar séculos de tradição hermenêutica, ou se acreditar que a tendência na atualidade sempre foi única, além de compreender como chegamos até aqui interpretativamente; apresenta de forma descritiva a prática interpretativa do período da *Reforma Protestante*, como o retorno ao método interpretativo mais fiel.

**Palavras-Chave:** Hermenêutica, Reforma Protestante, Método

## ABSTRACT

For those who dedicate themselves on the study of the Scriptures, one of the most intense battlefields is the hermeneutic field. It is, however, in the course of history that hermeneutics has taken on contours that were perpetuated over a period that determined the understanding and practice of the Scriptures. Dealing with this issue, this article focuses both on the aspects that made interpretative trends during history, in addition to revisiting its main characters, contributing not only to a better understanding of the history of biblical interpretation, but so that one does not incur the mistake of ignoring centuries of hermeneutic tradition or believing that the trend today has always been unique, in addition to understanding how we got here interpretatively; as it presents in a descriptive way the interpretative practice of the Protestant Reformation period as the return to the most faithful interpretative method.

**KEYWORDS:** Hermeneutics, Protestant Reformation, Method

---

<sup>1</sup> Natural de Natal (RN), concluiu o curso de licenciatura em Educação física pela Universidade Potiguar (2012-2015); e bacharelado em Teologia com ênfase em Exegese pelo Seminário Batista do Cariri e Faculdade Batista do Cariri (SBC/FBC - 2016-2019). Especializou-se em Educação Cristã Clássica pela Faculdade internacional Cidade Viva (FICV/2021-2022), e, atualmente, é mestrando em Estudos Bíblico-hermenêuticos em Novo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. É professor de Grego, Exegese e Teologia Bíblica do Novo Testamento do Instituto Missionário Palavra da vida; e, professor de cosmovisão do colégio Palavra da Vida. Contato: [luiz.soantonio@hotmail.com](mailto:luiz.soantonio@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Para o cristão que se debruça no estudo das Escrituras, um dos campos de batalha mais intenso é o campo hermenêutico. Esta batalha não é nova. Christopher<sup>2</sup> sugere que a origem da hermenêutica errônea remonta ao período pré-queda, em que Satanás introduziu outras perspectivas sobre a revelação e ordens de Deus Yahweh a Adão.<sup>3</sup> Em síntese, a hermenêutica bíblica procura responder: qual o significado do texto? O que o autor está falando de fato? Qual sua intenção? Quais aspectos históricos, culturais, geográficos e linguísticos determinam o sentido do texto? De antemão, é necessário reconhecer a importância do estudo hermenêutico para a interpretação bíblica. Por exemplo, de acordo Zuck<sup>4</sup>, o estudo da interpretação bíblica é essencial para o entendimento e ensino correto da Bíblia. Apontando nesta mesma direção, Plummer<sup>5</sup> assume que diante das mais variadas interpretações da Bíblia durante sua história, o estudo da hermenêutica é importante para um entendimento correto.<sup>6</sup>

Para Thiselton<sup>7</sup>, a hermenêutica “aborda o modo como lemos, compreendemos e lidamos com textos, principalmente aqueles escritos em outra época ou num contexto de vida diferente do nosso. A hermenêutica bíblica investiga mais especificamente como lemos, compreendemos, aplicamos e respondemos aos textos bíblicos”. De acordo com Osborne<sup>8</sup>, a hermenêutica relaciona-se com a definição tradicional, a saber: hermenêutica é uma ciência, pois se faz uma organização lógica e coordenada das regras de interpretação; é uma arte, “uma vez que é um conhecimento que se adquire e exige tanto imaginação quanto competência para aplicar as *leis* às passagens selecionadas ou aos livros”; e um ato de caráter espiritual realizado na dependência do Espírito Santo. Sem dúvida a hermenêutica é um campo de estudo

<sup>2</sup> CHRISTOPHER, Cone. **Hermenêutica e método teológico**. Brasília-DF: Editora 371, 2020, p. 175.

<sup>3</sup> Neste sentido, a hermenêutica parece resultar não apenas de sistemas teóricos, mas compromissos tácitos, compromissos básicos que assumimos da realidade. Talvez seja esta questão uma das mais difíceis de lidar: se manter o mais neutro possível, haja vista que é praticamente impossível ser totalmente neutro diante de um texto. Corroborando neste sentido, SMITH, James K. **A queda da interpretação: fundamentos filosóficos para uma hermenêutica criacional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021, p. 37 alude que a interpretação é comumente vista de uma perspectiva pós-lapsariana, ou seja, a interpretação se relaciona à maldição e à expulsão do jardim. Para o autor, a hermenêutica como marca de nossa criaturidade precisa ser redimida. Smith defende que “a hermenêutica é constitutiva da nossa criaturidade, mas também, como algo criado, é estruturalmente boa”. Para aprofundamento deste assunto, consultar SMITH, 2021.

<sup>4</sup> ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 10.

<sup>5</sup> PLUMMER, 2017, p. 105-110.

<sup>6</sup> De modo mais específico, pode-se pensar também nos desdobramentos do conceito de revelação e a natureza das escrituras descritas por Bray (2017, p. 15-24) para compreensão da importância da interpretação bíblica. Além disso, recomendo a palestra de Russel Shedd e a leitura do artigo do Augustus Nicodemus sobre a importância da hermenêutica bíblica na revista Teologia brasileira.

<sup>7</sup> THISELTON, Anthony. **Hermenêutica: uma introdução**. Campinas, SP: Aldersgate, 2022, p. 11.

<sup>8</sup> OSBORNE, Grant R. **A Espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 25.

fascinante. Mas, como no decorrer da história estes conceitos foram entendidos, avaliados e aplicados no que diz respeito ao método? Como foram estabelecidas as tendências interpretativas das Escrituras? Como a Bíblia foi interpretada no decorrer da história da igreja? Ou sempre houve uma única interpretação ou método?<sup>9</sup>

No transcurso da história nos deparamos com vários métodos e abordagens de interpretação. Esta historicidade da interpretação bíblica deve fazer ao intérprete do século XXI refletir sobre o que pode aprender com os intérpretes do passado, inclusive quais erros devemos evitar. O objetivo deste trabalho é apresentar de forma descritiva a prática interpretativa de um período histórico, a saber, o período da *Reforma Protestante*. Concentrando-se nos aspectos que tornaram *tendências* (práticas interpretativas que se perpetuaram ao longo de um período) no período da reforma. Este trabalho justifica-se não apenas pela busca do melhor entendimento da história da interpretação bíblica no período da Reforma Protestante, mas também por uma reflexão correta da história da interpretação bíblica, para não incorrer no erro de ignorar séculos de tradição hermenêutica, ou acreditar que o sistema atual sempre foi único, além de compreender como chegamos até aqui interpretativamente.

Obviamente não há como exaurir o tema num só manuscrito, mas na tentativa de compreender a interpretação bíblica do período da reforma, este trabalho faz três movimentos. O primeiro movimento é em direção à necessidade de conhecer as abordagens hermenêuticas antes da reforma. Assim, este entendimento serve como pano de fundo histórico. O segundo movimento é em direção à compreensão da prática interpretativa da reforma propriamente dita, levando em consideração os fatores que contribuíram para a transição e a apropriação da abordagem hermenêutica predominante na reforma, exemplificando com fontes primárias para evidenciar tais tendências, deixando as fontes secundárias apenas para análise das contribuições e limitações. Por fim, o terceiro movimento analisa a hermenêutica de Martinho Lutero e João Calvino como representantes proeminentes deste período.

## 1. PRÁTICAS INTERPRETATIVAS PRÉ-REFORMA

Não é preciso ser um cristão reformado ou um grande conhecedor deste período para perceber que a prática interpretativa da reforma protestante deu um grande salto no que diz

---

<sup>9</sup> Thiselton (2022, p. 11) elucida que a hermenêutica, antes, era vista apenas como *regras de interpretação*, porém, desde Schleiermacher, a hermenêutica foi ampliada para mais que uma disciplina acadêmica, pois lida com questões de como chegamos a compreensão e o fundamento dessa compreensão, questões literárias e processos de leitura, além de incluir questões sociais, teorias de comunicação e da linguística geral.

respeito ao entendimento do texto e prática não apenas dos cristãos, mas de todo ocidente<sup>10</sup>. O sucesso da reforma protestante se deu, em grande parte, por uma hermenêutica de sucesso<sup>11</sup>. Por isto, antes de entender como a hermenêutica do período da reforma foi estruturada, precisa-se passar por alguns cenários avaliando todo o seu processo histórico. É necessário voltar ainda mais no tempo, e começar pela interpretação da primeira Escritura: as escrituras hebraicas<sup>12</sup>.

O primeiro período da interpretação judaica data do período pré-exílico que, para Klein, Blomberg e Hubbard<sup>13</sup> teve ênfase na alusão intrabíblica e na transição para o período pós-exílico. De acordo com Zuck,<sup>14</sup> os escribas e levitas tinham proeminência para expor o texto. Eles liam e interpretavam para o povo.<sup>15</sup> Segundo Virkler<sup>16</sup>, foi neste período que houve um maior interesse na produção de cópias do texto das escrituras hebraicas. Como resultado, houve uma tradição de leis orais como um paralelo da Torá.<sup>17</sup> Portanto, como apontado por Kaiser Jr. e Silva<sup>18</sup>, foi necessária uma coordenação entre o texto, a tradição e a aplicação. A hermenêutica que dominou foi o *middôt*.

A interpretação judaica passa pelo período do judaísmo rabínico, que por sua vez tinham uma postura bem definida quanto à Tóra. Além disso, Bray<sup>19</sup> aponta que também havia uma postura quanto ao conjunto de tradições transmitidas por gerações passadas. O judaísmo rabínico é centrado em Jerusalém e se contrapõe à cultura greco-romana. Havia duas escolas de interpretação, uma, mais literal liderada por Shammai, e a outra mais liberal, por Hillel.<sup>20</sup>

<sup>10</sup> McGrath (2005, p. 95) assevera ao compreender que o movimento reformista não foi apenas um movimento de reforma doutrinária, mas também política, social e econômica. Pode-se pensar, inclusive, suas implicações nas artes, arquitetura, educação, vocação profissional, tecnologia e ciência.

<sup>11</sup> MEISTER, Mauro. A Exegese Bíblica em Calvino. **Fides Reformata**, v. XIV, n. 2, 2009, p. 216, por exemplo, descreve que “a reforma protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico”.

<sup>12</sup> Esta não é uma tarefa fácil, pois de acordo com Kaiser e Silva (2014, p. 204), “a interpretação judaica era determinada, em grande parte, por sua própria estrutura teológica e pelos objetivos da comunidade, na qual as Escrituras desempenhavam um papel”. Não é sem motivo que, para Thiselton (2022, p. 77), não havia uniformidade no judaísmo quanto a interpretação de sua escritura, e isto por não haver um único método que prevaleceu absolutamente sobre outro. Isto se evidencia, por exemplo, nas três tradições que contribuíram, em diferentes aspectos, na interpretação judaica, a saber: a tradição rabínica, a comunidade de Qumram com seus escritos do mar morto, e a diáspora judaica com sua ênfase helenófono.

<sup>13</sup> KLEIN, William W; BLOMBERG, Craig L; HUBBARD, Robert L. J. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017, p. 80.

<sup>14</sup> ZUCK, 1994, p. 32.

<sup>15</sup> Esdras fez parte desta tradição

<sup>16</sup> VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2007, p. 36.

<sup>17</sup> Após o período de Esdras e revolta dos Macabeus, desenvolve-se coleções de escritos que posteriormente ficaram conhecidos como o *Mishnah*, *Gemara* e o *Talmud*.

<sup>18</sup> KAISER JR., Walter C. K.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica: como ouvir a palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 205.

<sup>19</sup> BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 49.

<sup>20</sup> Para Kaiser e Silva (2014, p. 205), o *middôt*, conjunto de sete regras de interpretação, era o mais antigo e é atribuído ao rabino Hillel. O *middôt* teve vários acréscimos com o passar do tempo por outros rabinos como por exemplo, Ishmael BeElisha que aumentou para treze e o rabino Eliezar Ben José aumentou para trinta e duas.

Neste período são desenvolvidas muitas literaturas, como por exemplo, a *halaca* que era a dedução de princípios e regras para conduta baseadas na lei, e a *hagadá* que é a narração de histórias e provérbios para edificação dos leitores. Ainda, de acordo com Klein, Blomberg e Hubbard<sup>21</sup>, havia também a prática de desvendar os significados profundos que acreditavam-se ser inerente às Escrituras, além da prática do midrash ser central para a interpretação rabínica.

Foi somente com as conquistas de Alexandre, o Grande, que se iniciou a adesão à outra tendência de interpretação, e a hermenêutica judaica não resistiu a esta mudança. Influenciada pelo helenismo, conforme Zuck<sup>22</sup>, o judaísmo helênico teve como escritura a Septuaginta,<sup>23</sup> e o método alegórico ganhou força como método interpretativo por causa da influência platônica.<sup>24</sup> Os judeus que foram influenciados pela filosofia grega foram os judeus de Alexandria. Fílon, judeu alexandrino,<sup>25</sup> foi o responsável por propagar este método hermenêutico entre os judeus deste período, juntamente com o historiador Josefo. As mais importantes literaturas do judaísmo helenófono segundo Thiselton<sup>26</sup> eram 4 Macabeus,<sup>27</sup> o pseudoepígrafo *Sabedoria de Salomão* e a *carta de Aristeias*.<sup>28</sup>

Outra tendência da interpretação das escrituras hebraicas acontecia na comunidade de Cunrã, um ramo mais extremista do judaísmo e provavelmente fundada por uma classe sacerdotal. A comunidade de Cunrã considerava o judaísmo centrado em Jerusalém como apóstata e tinha como método de interpretação o método *peshet*, além dos fortes elementos apocalípticos e messiânicos em seus escritos. Este método era organizado em três técnicas: podiam sugerir uma mudança no texto para apoiar uma interpretação, atualizar uma profecia afirmando um duplo cumprimento, e dividiam o texto em frases separadas para interpretar cada uma à parte sem se importar com o contexto<sup>29</sup>. A ênfase da comunidade de Cunrã caiu sobre as

<sup>21</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD, 2017, p. 91.

<sup>22</sup> ZUCK, 1994, p. 34.

<sup>23</sup> Longenecker (1975, p. 20,21) entende que não é cabível igualar a LXX ao testemunho da interpretação judaica das escrituras por mais que seja anterior ao TM, com os targums, já que há na LXX e suas várias versões ampliações do texto hebraico. Isto é corroborado, por exemplo, quando a LXX evitava antropomorfismo (cf. no texto Hebraico e na LXX os textos de Êx 15.3 e Nm 12.8), ou alterações geográficas (cf. 1Sm 5.10) e pela intencionalidade de tornar o texto mais inteligível (cf. Salmos 40.6 [na LXX Salmos 39.7]). Por outro lado, a septuaginta mostra seu valor pelo fato de ter sido usada pelos próprios apóstolos, igreja primitiva e os pais da igreja.

<sup>24</sup> Fílon, por exemplo, dispensou o sentido literal do texto, de acordo com Thiselton (2022, p. 87), “quando este parece dizer algo indigno de Deus, ou limitar a sabedoria de divina, ou reduzir sua transcendência”.

<sup>25</sup> Esse período também pode ser denominado como *hermenêutica da diáspora judaica* que tinha dois centros segundo Bray (2017, p. 53), a comunidade da Mesopotâmia ou “babilônica”, e no Egito, em Alexandria.

<sup>26</sup> THISELTON, 2022, p. 85.

<sup>27</sup> Tratado semifilosófico ao estilo da diatribe grega, embora com elementos de homilia, é considerado um exemplo de oratória.

<sup>28</sup> No meio cristão, os intérpretes que aderiram à influência helonófona foram: Clemente de Alexandria, que para Bray (2017, p. 83) defendia a ideia de que o platonismo tinha origem bíblica. Havia também Orígenes, Dionísio de Alexandria, Cirilo de Alexandria, Agostinho de Hipona, dentre outros. Vale ressaltar que a alegoria, formada a partir da interpretação helonófona, são da escola de Alexandria.

<sup>29</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD, 2017, p. 87-88.

profecias do AT, e esta ênfase os levava à interpretação de que tais profecias se cumpriam na comunidade.

Não obstante, com o advento do cristianismo, houve a interpretação apostólica do Antigo Testamento. Para Chou<sup>30</sup>, os autores do NT reforçaram e complementaram a interpretação baseados na intenção autoral<sup>31</sup>. Plummer<sup>32</sup> concorda com o fato de que os autores do NT respeitaram os contextos das passagens do AT, e não interpretaram ou pelo menos não forçaram uma interpretação alegórica.<sup>33</sup> É a partir do próprio Jesus que os apóstolos trouxeram novos significados para as escrituras do Antigo Testamento. Três métodos de interpretação eram utilizados, a *tipológica* para encontrar padrões ou símbolos da pessoa e obra de Cristo (Cf. Mt 2.17 cumpre Jr 31.15). O segundo método era *literal-contextual*, ou seja, apesar da busca tipológica, havia o respeito pelos contextos originais (Jesus citou Oseias 6.6 em Mt 9.13;12.8). O terceiro método era *princípio/aplicação*. Assim, os apóstolos aplicavam uma passagem do AT no NT sem abandonar o contexto original (Paulo cita Oseias 2.33 em Rm 9.25).

Fato é que os autores do NT parecem ter continuado com os mesmos métodos literalistas (pesher, midrash e aplicação de profecias), além de compartilharem da mesma estrutura conceitual de solidariedade corporativa expressa através de um indivíduo como os autores do AT, mas submetendo tais métodos aos seus propósitos<sup>34</sup>. Para Bray<sup>35</sup>. A interpretação bíblica no seu início era quase que exclusivamente judaica mesmo com suas variações. Ela deixa de ser exclusivamente judaica quando a igreja decidiu se afastar do judaísmo vendo em Cristo o cumprimento do AT.

O próximo período da história da interpretação adentra o período da Patrística. Este período é conhecido assim por ser o período dos Pais da igreja, grupo que sistematizou a estrutura doutrinária do cristianismo. McGrath<sup>36</sup> entende que vários ramos do cristianismo “consideram o período patrístico como um marco decisivo na evolução da doutrina cristã”. De

<sup>30</sup> CHOU, Abner. **A Hermenêutica dos Escritores Bíblicos**. Vila Santa Catarina Americana, SP: Impacto Publicações, 2022, p. 252.

<sup>31</sup> Para um aprofundamento quanto a este período, consultar ABDALLA NETO, Tiago Uma proposta de abordagem hermenêutica para a compreensão do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. **Teologia brasileira**, São Paulo, n. 103, 2015.

<sup>32</sup> PLUMMER, Rob. **40 questões para se interpretar a Bíblia**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017, p. 114.

<sup>33</sup> Apesar do autor reconhecer que Paulo “alegorizou” Gálatas 4.24 para representar as duas alianças, o autor também entende que Paulo não afirmou ter interpretado os textos relevantes do AT, apenas oferecendo uma reflexão homilética.

<sup>34</sup> BRAY apud LONGENECKER, Richard. **Biblical exegeses in the apostolic period**. Grand Rapids: Eerdmans, 1975, p. 103.

<sup>35</sup> BRAY, 2017, p. 49.

<sup>36</sup> MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. São Paulo: Shedd publicações, 2005, p. 39.

acordo com Bray<sup>37</sup>, este período foi marcado por debates sobre a Trindade e a pessoa de Cristo. A tradição patrística é datada a partir do ano 100 d.C., abrangendo até o Concílio de Calcedônia (451 d.C.). As duas grandes tradições de pensamento era a tradição oriental (ou grega) e a tradição latina. Tem-se como intérpretes da época, Marcião, Justino Mártir, Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Jerônimo, Agostinho e Teodoro de Mopsuéstia, para citar alguns. Os apóstolos são os últimos intérpretes com influência judaica, pois, a partir deste período, a interpretação bíblica ganha contornos gregos e romanos. Há o reconhecimento da inspiração do AT, mas outra autoridade além das Escrituras surge - *a tradição da igreja*.

O método de interpretação que marca este período é o alegórico. Assim, o texto sagrado é entendido como símbolo para determinar o sentido oculto, místico, ou espiritual. Por exemplo, de acordo com Köstenberger e Patterson<sup>38</sup>, Orígenes concebia as Escrituras de forma tríplice (1Ts 5.23); o corpo era o sentido literal; a alma, o sentido moral; e o espírito, o sentido espiritual. Para Virkler<sup>39</sup>, a alegorização emanou da intenção de entender o texto do AT como documento cristão. Apesar dos problemas como a negligência do sentido completo do texto, especulações e desprovimento do intérprete de algum princípio regulador, Klein, Blomberg e Hubbard<sup>40</sup> reconhecem que os Pais da igreja conceberam o método alegórico como a melhor maneira de tornar as Escrituras relevantes para a vida da igreja e seus membros.

Neste período, há também a escola de Antioquia que, ao contrário da Alexandrina que era alegórica, interpretava de forma literal contextual. Para Bray<sup>41</sup>, esta escola seria a que mais se aproximaria do que hoje se conhece como “científico”. A escola de Antioquia se destacou como um grande centro teológico. Talvez os maiores nomes desta escola seja João Crisóstomo, Eusébio de Cesareia e Teodoro de Mopsuéstia. Este último foi um ferrenho crítico da interpretação alegórica, rejeitando completamente esta abordagem.

Por fim, o último período pré-reforma é o período da interpretação medieval. Segundo Bray<sup>42</sup>, o estudo da interpretação bíblica do período medieval é um dos mais complexos, e não recebeu a atenção que merece dos estudiosos. A mudança do período antigo para o medieval foi lenta. Ainda sobre a interpretação bíblica desse período, conforme Kaiser e Silva (2014, p. 215), a Idade Média não foi um período mais brilhante da igreja nem da hermenêutica bíblica. O relacionamento entre igreja e Estado alternavam e, às vezes, parecia confuso. A necessidade

---

<sup>37</sup> BRAY, 2017, p. 77.

<sup>38</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica: histórica, literatura e teologia**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 400.

<sup>39</sup> VIRKLER, 2007, p. 43.

<sup>40</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD, 2017, p. 101.

<sup>41</sup> BRAY, 2017, p. 79.

<sup>42</sup> BRAY, 2017, p. 129.

hermenêutica neste período era a exegese gramatical, mas a tendência era alegórica recorrendo à autoridade antiga.<sup>43</sup> Um destaque recai sobre os *vitorinos*, discípulos de Hugo de São Vítor, que declinavam para uma interpretação mais literal, usando principalmente os textos originais (hebraico).

Bray<sup>44</sup> divide esse período em quatro partes: O período até os anos 800 d.C. marcado principalmente pela atividade intelectual vigorosa no Oriente; dos anos 800 até cerca de 1150 d.C. os mosteiros ganharam proeminência criativa; de 1150 d.C. até cerca de 1300 d.C. surgiram os grandes centros universitários como os de Paris, Oxford e Cambridge; e finalmente de 1300 d.C. até 1500 d.C. foi um período difícil, tanto pela peste negra que devastou a Europa, como pela presença turca muçulmana. Por outro lado, os manuscritos gregos saíram do Oriente e chegaram ao Ocidente. Isso foi um divisor de águas para a prática da interpretação bíblica posterior, inclusive para a Reforma Protestante. Uma nova tendência hermenêutica surgia, e agora para ficar. Encerra-se o período pré-reforma.

Costurar estes períodos não é uma tarefa fácil como pode parecer. Percebe-se a quantidade de vezes em que a autoridade das Escrituras como revelação divina teve várias abordagens dependendo do período em que seus influenciadores determinaram qual seria o peso interpretativo, seja a influência (neo)platônica para a interpretação alegórica, seja o próprio texto para a interpretação literal. Numa leitura mais panorâmica sobre os períodos da interpretação bíblica pré-reforma, poderíamos concluir que o esforço dos intérpretes em fazer conhecido o texto bíblico gerou, para alguns, excesso de erros, para outros, uma consciência cautelosa, mas todos buscavam dar respostas às questões do cristianismo e entregar uma teologia que fosse aplicável à vida da comunidade e da igreja.

A partir da Renascença, a igreja e o cristianismo, como um todo, dariam um grande salto na interpretação bíblica. O processo histórico nessa direção teve seus desdobramentos por períodos e conveniência. Antes da Reforma, havia pouco ou nenhum interesse pela teologia bíblica, muito menos qualquer consideração pelo contexto histórico no qual a teologia cristã se desenvolveu. O foco estava totalmente sobre a sistemática (dogmática), que era dominada pelo ensino tradicional da igreja<sup>45</sup>. Já que nenhuma liberdade de interpretação era permitida ao estudioso individual, a exegese, apenas alegórica, não existia como a conhecemos hoje e o

---

<sup>43</sup> Para Klein, Blomberg e Hubbard (2017, p. 108) Jerônimo e Agostinho são os que tem mais proeminência entre os teólogos medievais. Os autores ainda demonstram que a fonte primária desse método se denominava *catena*, coleções extensas de comentários interpretativos compilados dos comentários dos pais da igreja. Entre a *catena* se destaca a *glosas interpretativas* e *Glossa ordinária*.

<sup>44</sup> BRAY, 2017, p. 130.

<sup>45</sup> GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 21.

ensino eclesiástico nunca mudava.<sup>46</sup> Esse não era o tipo de ambiente encorajador para o desenvolvimento de uma genuína teologia bíblica.

## 2. PRÁTICA INTERPRETATIVA DA REFORMA PROTESTANTE

Ao final do período medieval, as desavenças entre escolásticos tradicionais e a nova erudição de humanistas cristãos estavam bem acirradas. As Escrituras já não eram a única autoridade de interpretação que guiaria o povo de Deus, pois a própria igreja e sua tradição também assumiram um protagonismo autoritativo. Para Bray<sup>47</sup>, encontrar um princípio de autoridade em que a fé e a experiência pudessem ser fundamentadas, expor a Bíblia de um modo claro e defender posição teológica bíblicamente eram desafios que todo teólogo deste período lidava. Por isto os reformadores estavam determinados a romper com a tradição eclesiástica. Portanto, a autoridade da tradição da igreja foi substituída pela autoridade do texto na tentativa de construir um registro organizado do ensino bíblico.

Segundo Santos<sup>48</sup>, a tradição reformada influenciou diversos países. Por exemplo, os huguenotes na França. Outro país que foi centro influente do pensamento reformado no final do século 16 e durante o século 17 foi a Holanda. Já na Alemanha, o pensamento reformado se estabeleceu em Estrasburgo com Martin Bucer e na Polônia com Jan Laski. A tradição reformada ainda influenciou países como Hungria, Grã-Bretanha, Estados Unidos e outros. No Brasil, a influência dos reformadores veio por um grupo de huguenotes (calvinistas franceses) e no ano de 1558 escreveram a confissão de fé de Guanabara, e por meio de reformados holandeses na costa da região nordeste no século XVII. Com tamanha influência, conforme Matos<sup>49</sup>, “o objetivo dos reformadores foi levar a igreja ocidental de volta aos seus fundamentos bíblicos e neotestamentário em seu sistema de doutrinas, sua moralidade e suas estruturas,

---

<sup>46</sup> Ladd (2003, p. 18) elucida afirmando que “o estudo bíblico esteve completamente dependente do dogma da igreja”. Neste sentido, o uso da teologia bíblica era apenas para realçar os teólogos dogmáticos. Segundo MATOS, Alderi S. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 138, depois da grande insatisfação com a situação da igreja, como corrupção dos membros do clero, inclusive do papado, religiosidade supersticiosa das massas e as reivindicações do Estado, já se ouvia o grito da reforma ecoando de longe na vida dos pré-reformadores, e, sem dúvida, esta mudança começaria pela interpretação bíblica. Tanto a reforma protestante como iluminismo, foram movimentos interpretativos em reação aos abusos da igreja católica romana. A diferença básica é que a reforma protestante foi um movimento em direção a Deus; o iluminismo, por sua vez, em direção a própria autonomia humana.

<sup>47</sup> BRAY, 2017, p. 189.

<sup>48</sup> SANTOS, Valdeci dos. Quem é realmente reformado? Relembrando conceitos básicos da fé reformada. **Fides Reformata**, v. XI, n. 2, p. 121-148, 2006, p. 127.

<sup>49</sup> MATOS, 2008, p. 140.

livrando-a das tradições humanas”. Os principais responsáveis por esta tarefa seriam os reformadores Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio e João Calvino<sup>50</sup>.

Entre os reformadores luteranos, houve aqueles que se destacaram por sua erudição como é o caso de François Lambert que foi professor de Antigo Testamento e comentarista bíblico, João Bugenhagen, tradutor e comentarista bíblico. No entanto, um dos mais conhecidos é Filipe Melâncton, grande propagador do luteranismo da época e comentarista bíblico, e Martin Bucer,<sup>51</sup> líder da reforma em Estrasburgo, professor e comentarista bíblico. Outros nomes como o de João Brenz, Andreas Althamer, Andreas Osiander e Andreas Bodensteins von Karltadlf foram comentaristas bíblicos que tiveram grande influência.

Entre os reformadores suíços há grandes nomes como Ulrico Zuínglio, reformador em Zurique e comentarista bíblico. Outros como João Ecolampádio, professor e comentarista bíblico, Pedro Mártir Vermigli, professor, hebraísta e comentarista bíblico, Conrado Pellican, Wolfgang Musculus, Teodoro Bibliander, João Heinrich Bullinger e Agostinho Marlorat du Pasquier foram ótimos comentaristas bíblico. Contudo, há outro grande nome, Roberto Estienne. Além de ser pintor, Estienne publicou bíblias em latim, hebraico e grego, em cuja edição de 1550, seu texto do Novo Testamento foi o primeiro com aparato crítico, e influenciou significativamente a base principal do *textus receptus*. Há, ainda, o maior deles, João Calvino<sup>52</sup>. Todos estes teólogos ganharam força não apenas por suas competências, mas pelo espírito da época.

Para Zuck<sup>53</sup>, a renascença foi um movimento que privilegiava a busca pela literatura clássica. Grande parte desse movimento se deu por causa da presença de estudiosos gregos vindos de Bizâncio por causa da invasão islâmica. Referindo-se a este período, Virkler<sup>54</sup> elucida que a partir da renascença as línguas originais assumiram um papel importante na prática interpretativa. Por exemplo, nomes que tiveram proeminência deste período foram Desidério Erasmo, um humanista,<sup>55</sup> que contribuiu ao publicar a primeira edição crítica do texto grego do

---

<sup>50</sup> Foi durante o período da reforma que houve uma extensa compilação de comentários que, segundo THOMPSON, John L. **Comentário bíblico da Reforma: Gênesis 1-11**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 22, nunca tinha havido antes na história da igreja cristã.

<sup>51</sup> Bucer, segundo Bray (2017, p. 175) foi um dos mais críticos de Lutero e distanciou-se em algumas questões.

<sup>52</sup> Por uma questão de seletividade, a vida de Calvino, bem como a de Lutero, serão avaliadas mais a diante. Para um aprofundamento sobre outros nomes do período da reforma, inclusive católicos, ver BRAY, Gerald. *História da interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 170-188.

<sup>53</sup> ZUCK, 1994, p. 51.

<sup>54</sup> VIRKLER, 2007, p. 48.

<sup>55</sup> Apesar do termo humanista ser associado a negação da existência de Deus hoje, para McGrath (2005, p. 74), o humanismo no século 16 é visto por dois pontos de vista. O primeiro, já citado no corpo do texto, o humanismo foi um movimento voltado para o classicismo, principalmente no uso das línguas originais. O segundo ponto de vista é conjunto de ideias que encerrava a nova filosofia renascentista. Assim, como Klein, Blomberg e Hubbard

Novo Testamento, e Johannes Reuchlin<sup>56</sup> que desenvolveu uma gramática e léxico hebraico. Arelada a esta questão, outro fator que contribuiu para a prática interpretativa da reforma foi a invenção da imprensa. Sem dúvida, foi algo revolucionário que fez com que as ideias da reforma chegassem a lugares distantes, mais rápido e de forma quantitativamente maior.

Com a renascença em voga e por conseguinte a busca pelos originais e pelo sentido literal, o método alegórico que foi utilizado por séculos finalmente cairia em desuso. Até o sentido quádruplo adotado pelos escolásticos medievais, por exemplo, Agostinho e João Cassiano, já não era bem-visto.<sup>57</sup> Já para os reformadores, conforme Vanhoozer<sup>58</sup>, “consideravam o sentido literal como o único sentido “adequado”. Um exemplo claro é a diferença da interpretação alegórica de Agostinho em comparação com a interpretação literal de Calvino sobre os dias da criação em Gênesis 1.16. Agostinho interpreta:

Cada um de nós tem nas boas obras e na vida justa como que esses seis dias diferentes, depois dos quais deve esperar o descanso. No primeiro dia tem a luz da fé, quando primeiramente acredita nas coisas visíveis; ... No segundo dia, tem o fundamento da doutrina, pela qual discerne entre o carnal e o espiritual, ... No terceiro dia, no qual dirige sua mente para produzir os frutos das boas obras, afasta-se do pecado e das ondas das tentações carnis, ... No quarto dia em que, já naquele firmamento da disciplina, o homem, lidando com conhecimentos espirituais e os discernindo, ... Fortificado pelo conhecimento destas coisas, no quinto dia, começa a agir nas agitações do mundo deveras turbulento, como que nas águas do mar, em favor da sociedade fraterna; e pelas ações corporais, que dizem respeito ao mesmo mar, ... Mas, no sexto dia, que o homem produza da terra a alma viva, isto é, que da própria estabilidade de sua mente na qual produz frutos espirituais, ou seja, bons pensamentos, governe todos os movimentos de sua alma; Mas nestes dias, a tarde consiste na perfeição de cada uma das obras, e a manhã, no começo das seguintes<sup>59</sup>.

É perceptível que a alegoria agostiniana sobre os dias da criação é em comparação com as fases da história humana. Ao contrário de Agostinho, Calvino interpreta:

A diferença é que Moisés escreveu num estilo simples sobre aquelas coisas que todas as pessoas simples, sem instrução, mas dotadas com senso comum, são capazes de entender; mas os astrônomos investigam com grande labor tudo o que a sagacidade da mente humana pode compreender. Contudo, este estudo não deve ser reprovado, nem essa ciência, condenada, porque algumas pessoas frenéticas acostumam rejeitar

---

(2017, p. 118) comentam, “se a fé cristã renovada levou à reforma, na Renascença uma confiança crescente na razão humana foi estimulada”.

<sup>56</sup> Para Kaiser e Silva (2014, p. 216), Johannes Reuchlin merece o título de pai do estudo hebraico na igreja cristã.

<sup>57</sup> O sentido quádruplo, segundo Plummer (2017, p. 122), eram quatro níveis de significados: o literal, o moral, o alegórico e o analógico. Ao contrário deste método, LOPES, Augustus N. Lutero ainda fala: um ensaio em história da interpretação bíblica. **Fides Reformata**, v. 1, n. 2, 1996, p. 9. elucida, por exemplo, que as alegorias para Lutero têm pouco valor, devendo ser controladas pela teologia e pelo bom senso; “são mais como quadros ou ilustrações, e não proporcionam demonstrações teológicas sólidas”. Além disso, Klein, Blomberg e Hubbard (2017, p. 113), esclarecem que havia um descontentamento com a interpretação alegórica que perdurou por muitos séculos.

<sup>58</sup> VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 140.

<sup>59</sup> SANTO AGOSTINHO, Comentários ao Gênesis. São Paulo: Paulus, 2005, p. 503-504

ousadamente tudo quanto não lhes pode ser conhecível. Pois a astronomia é não só agradável, mas também muito útil conhecimento: não se pode negar que essa arte descortina a admirável sabedoria de Deus<sup>60</sup>.

Calvino, por sua vez, procurou desenvolver uma linguagem comum a todos e uma significação que fosse compreensível também a todos.<sup>61</sup> É neste sentido, para Vanhoozer<sup>62</sup>, que o contexto da Reforma respeita o sentido que as palavras teriam tido para seus autores. Fazendo referência a Calvino mais uma vez, o reformador enfatizou que a tarefa do intérprete era “abrir a mente do escritor”, quanto mais o intérprete se afasta do significado do autor, mais ele abandona seu próprio propósito e tem certeza de se afastar de seu objetivo”.<sup>63</sup>

Ao escrever sobre a história da interpretação bíblica, Christopher<sup>64</sup> constata que após mil anos de uma hermenêutica sistemática da igreja, os reformadores do século XVI retomam a interpretação literal que, segundo Zuck<sup>65</sup>, foi baseada tanto na escola de Antioquia, como nos vitorinos.<sup>66</sup> Para Plummer<sup>67</sup>, o brado da reforma era *Ad fontes*. O retorno direto às fontes foi uma prerrogativa do humanismo com o surgimento de técnicas textuais e filológicas, que, de acordo com McGrath<sup>68</sup>, “uma de suas consequências mais significativas foi a valorização da importância fundamental das Escrituras como instrumento teológico”. Foi nesta circunstância, para Thompson<sup>69</sup>, que os reformadores demonstraram qualidades exegéticas e linguísticas devido à formação de sua época<sup>70</sup>.

Se cada período da interpretação bíblica teve seus princípios, com a reforma protestante não seria diferente. Com o retorno às fontes, os princípios da reforma foram sistematizados e o

<sup>60</sup> Calvino, João. Gênesis. Série Comentários Bíblicos Livro 1. CLIRE. Edição do Kindle, 2019.

<sup>61</sup> Apesar da tendência interpretativa *Ad fontes*, Meister (2009, p. 120) alerta para o fato de que “não se deve presumir, entretanto, que a interpretação de Calvino conseguiu livrar-se de toda a bagagem alegórica da interpretação do seu tempo. Por vezes, ao ler seus comentários, nos deparamos com certos “saltos” interpretativos, o que alguns podem considerar como interpretação alegórica. O que ocorre é que Calvino, ao ler o Antigo Testamento com uma visão cristocêntrica, muitas vezes chegava diretamente a aplicações neotestamentárias no texto”.

<sup>62</sup> VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 361.

<sup>63</sup> Em Vanhoozer, o conceito de significado parte da ideia do que o autor desejava comunicar definitivamente. O autor explica que quanto ao significado, não há mudança, ou seja, o significado carrega *per se* um caráter estável e determinado, independente da cultura ou mudanças linguísticas. Basicamente, o significado é exatamente o que o autor tratou ao intencionar suas palavras. Isto ocorre porque o significado é atrelado a intenção autoral realizada. Desse modo, o significado diz respeito ao ato ilocucionário, uma vez que o significado é encontrado sob o aspecto frasal que compõe o texto que, articulados entre si, dão ao texto o significado (VANHOOZER, 2005, p. 316-325).

<sup>64</sup> CHRISTOPHER, 2020, p. 179.

<sup>65</sup> ZUCK, 1994, p. 51.

<sup>66</sup> Isto foi tão evidente que o próprio Lutero rejeitou a interpretação quádrupla das escrituras proposto por Agostinho, e ressaltou o *sensus literalis*. Além disso, neste período foi questionada a *Vulgata*, tradição latina da Bíblia feita por Jerônimo.

<sup>67</sup> PLUMMER, 2017, p. 123.

<sup>68</sup> MCGRATH, 2005, p. 87.

<sup>69</sup> THOMPSON, 2015, p. 327-328.

<sup>70</sup> Os reformadores aderiram a hermenêutica gramatical-histórica.

*sola Scriptura* foi a premissa fundamental da hermenêutica reformada. Ou seja, dogmas cuja base bíblica não pudesse ser demonstrada, deveriam ser rejeitados. O *sola Scriptura* era o lema da reforma e significava que as Escrituras eram as únicas regras em questões de fé.<sup>71</sup> Para Bray<sup>72</sup>, visto que o *sola Scriptura* estava estabelecido, “a natureza do texto sagrado se tornou uma questão de considerável urgência”. Os primeiros reformadores tinham consciência da necessidade de fazer uma diferenciação entre compreender o significado de um texto e ser convencido de que o texto é verdadeiro.

Outra tendência deste período, pressuposto vital da interpretação bíblica da Reforma, é o princípio que ficou conhecido como *analogia da fé*.<sup>73</sup> A analogia da fé deve ser encarada como tendência interpretativa da reforma. Bray<sup>74</sup> considera que para os reformadores a maior parte da Bíblia era clara em seu significado e, por isto, sua interpretação deveria ser literal. As partes que não fossem claras deveriam ser entendidas como *analogia da fé*, ou seja, as partes menos claras deveriam estar de acordo com as partes mais claras<sup>75</sup>. Para Sproul<sup>76</sup>, as *Sacra Scriptura sui interpretes*<sup>77</sup> fundamentam-se na confiança de que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, e a analogia da fé uma exigência para sua interpretação. O autor ainda reconhece que a analogia da fé é uma abordagem saudável para qualquer literatura.

Os reformadores reagiram contra o caráter não *bíblico* da interpretação alegórica e dogmática, insistindo que a teologia deveria estar fundamentada apenas na Bíblia, isto resultou, para Ladd<sup>78</sup>, que a teologia bíblica seria a base para a dogmática na formulação de seu ensino, galgado pelo estudo das línguas originais e pela relevância de sua natureza histórica na teologia bíblica. Além disso, para Wright<sup>79</sup>, a partir da reforma protestante a teologia bíblica, sobretudo do Novo Testamento, passou a enfatizar o sentido literal ou histórico das escrituras tanto na busca do significado do texto como veículo de sua autoridade, diferente do método histórico-crítico, fruto do Iluminismo que buscava demonstrar, por meio do sentido literal ou histórico, que as Escrituras eram falsas.

<sup>71</sup> Para Bray (2017, p.194), a extensão do cânon foi um problema para os reformadores. O próprio Lutero não reconhecia o livro de Ester, a carta de Tiago e Apocalipse.

<sup>72</sup> BRAY, 2017, p. 195.

<sup>73</sup> Para SANTOS, João Alves dos. A igreja e sua confessionalidade. *Fides Reformata*, v. XIX, n. 1, p. 95-110, 2014, p. 107, nota n. 15, Calvino entendeu a expressão grega *ἀναλογίαν τῆς πίστεως*... como, “a proporção da fé é a coerência que um texto das Escrituras mantém com os demais é que deve nortear a sua interpretação”.

<sup>74</sup> BRAY, 2017, p. 193.

<sup>75</sup> Bray reconhece que não é tão simples, principalmente quanto a interpretação do Antigo Testamento.

<sup>76</sup> SPROUL, R. C. **O Conhecimento das Escrituras**: passos para um estudo bíblico, sério e eficaz. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 48-50.

<sup>77</sup> Trad. *As sagradas Escrituras são seu próprio intérprete*.

<sup>78</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Ed. Rev. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 18.

<sup>79</sup> WRIGHT, N. T. **O Novo Testamento e o povo de Deus**: Origens Cristãs e a Questão de Deus. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, p. 48.

Os reformadores insistiram que a Bíblia deveria ser interpretada literalmente, em vez de alegoricamente, e essa abordagem teve como consequência o início de uma verdadeira hermenêutica bíblica.<sup>80</sup> Ainda os reformadores concluíram que o princípio do *Sola Scriptura* não tem a ver com os esquemas interpretativos, como se o significado textual dependesse deles, principalmente quando se propõe a adquirir status do próprio texto, nem razão, tradição e experiência garantem o significado textual. Assim, para os reformadores, a compreensibilidade da Escritura foi o principal recurso para divergir da autoridade interpretativa romanista, e, sem dúvida, as figuras mais importantes de toda essa progressão hermenêutica deste período foram Martinho Lutero e João Calvino.<sup>81</sup>

### 3 REVISITANDO OS PRINCIPAIS PERSONAGENS DA HERMENÊUTICA DA REFORMA PROTESTANTE

#### *A hermenêutica Luterana*

Para Klein, Blomberg e Hubbard<sup>82</sup>, Lutero foi o reformador cuja prática interpretativa matinha tanto o que havia de melhor na abordagem medieval, ou seja, uma leitura cristocêntrica, como numa abordagem histórico-gramatical, isto é, o exegeta deve considerar o texto a partir de suas condições históricas, gramatical e contextual.<sup>83</sup> Segundo Virkler<sup>84</sup>, Lutero entendia que uma interpretação adequada da Escrituras procederia de uma compreensão literal do texto. Para o autor, já que Lutero precisava dar respostas quanto ao uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, o reformador sustentou que o Antigo Testamento aponta para Cristo, ou seja, uma *abordagem tipológica*. Sobre seus comentários acerca do relato noaico, o reformador afirma sua abordagem tipológica da seguinte forma:

O fato de que, pela misericórdia de Deus, a palavra do evangelho começou a brilhar para a Alemanha é graças a esta profecia sobre Jafé, portanto, que Noé predisse naquela época está sendo cumprido hoje. Muito embora não sejamos descendentes de

<sup>80</sup> Mesmo assim, para Ladd (2003, p. 18), “a perspectiva histórica dos reformadores era imperfeita e, muitas vezes, o Antigo Testamento foi interpretado não em termos do seu próprio contexto histórico, mas em termos da verdade neotestamentária”.

<sup>81</sup> Vanhoozer, Kevin. Há um significado neste texto? interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 373,374, 383.

<sup>82</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD, 2017, p. 113.

<sup>83</sup> Plummer (2017) informa que para Lutero as interpretações alegóricas eram “tolas”, “tagarelice admirável”, “absurdas” e “inúteis. Para Kaiser e Silva (2014, p. 216), entendem que sua hermenêutica era melhor que sua prática já que ele interpretava literalmente.

<sup>84</sup> VIRKLER, 2007, p. 48.

Abraão, vivemos nas tendas de Sem e temos os benefícios das promessas cumpridas a respeito de Cristo<sup>85</sup>

Lutero também afirmou que só a Escritura tem autoridade divina para os cristãos e que esta Escritura é a sua melhor intérprete, e, além disso, o reformador afirmou que a prática interpretativa apropriada leva em consideração a iluminação do Espírito Santo para aplicação experiencial. Lutero foi um grande exegeta, comentarista bíblico e tradutor, mas sua exposição bíblica era o que o diferenciava. Para Lawson<sup>86</sup>, Lutero era um expositor bíblico que tinha um espírito inabalável, uma fervorosa intensidade e linguagem acessível.

A tendência interpretativa que perdurou durante este período fez com que Lutero entendesse também a distinção entre *lei e o evangelho*. A lei se refere à ira de Deus, e o evangelho, à graça. Para Lutero, negar a lei era errado, mas fundir lei e evangelho também era errado. Com esta distinção, Bray<sup>87</sup> entende que Lutero separou o Antigo Testamento do novo, apesar de ver *lei* no Novo Testamento (a carta de Tiago, por exemplo). Para Lutero, em Cristo a promessa deu lugar ao cumprimento, o evangelho se revelou e a lei foi abolida. Aquino<sup>88</sup> elucida a hermenêutica cristocêntrica de Lutero sob o entendimento de que, para o reformador, Cristo era o centro de ambos os testamentos. Uma das contribuições desta abordagem para o autor foi a consciência da unidade dos Testamentos.

Bray<sup>89</sup> corrobora ao aprofundar a hermenêutica de Lutero. O autor apresenta outros aspectos principais. O primeiro aspecto da hermenêutica luterana é a de que o sentido literal das Escrituras é também o sentido espiritual. Neste sentido Lutero até fez uso da alegoria, mas num contexto veterotestamentário e respeitando a dimensão histórica. O segundo aspecto diz respeito a Bíblia ser a palavra de Deus em forma escrita,<sup>90</sup> que aponta para a palavra de Deus encarnada em Jesus Cristo. Ou seja, qualquer interpretação da Bíblia que não apontasse para Cristo, era equivocada. Como filho de sua época, aproveitou todo desenvolvimento seja tecnológico, como a imprensa, seja acadêmico. Ele é reconhecido não apenas como o grande reformador de um determinado período, mas como um gigante da história da interpretação, que trouxe novos métodos, desafios e uma nova forma de enxergar a interpretação bíblica.

<sup>85</sup> LUTERO apud THOMPSON, 2015, p. 355.

<sup>86</sup> LAWSON, Steven J. **A heroica ousadia de Martinho Lutero**: um perfil de homens piedosos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013, p. 89-102.

<sup>87</sup> BRAY, 2017, p. 199.

<sup>88</sup> AQUINO, João P. T. de. A hermenêutica cristotélica de João Calvino. **Fides Reformata**, v. XXII, n. 2, p. 99-115, 2017, p. 103.

<sup>89</sup> BRAY, 2017, p. 198.

<sup>90</sup> Apesar de Lutero reconhecer a Bíblia como Palavra escrita, Lutero gerou grande problema em não reconhecer a carta de Tiago por entender que a carta tinha grande teor legalista.

### *A hermenêutica de João Calvino*

A reforma protestante teve duas direções de pensamento, uma ala que seguiu os passos de Lutero, chamados de luteranos; e outra ala que seguiu os passos de Calvino, chamados calvinistas. Calvino foi outro personagem que contribuiu com a tendência interpretativa do seu período. João Calvino era francês e, segundo Bray<sup>91</sup>, sua influência humanista era da tradição de Sorbonne. Quanto à produção literária, *a instituição da religião cristã* é mundialmente reconhecida como sua obra magna, além de comentários e sermões. Lawson<sup>92</sup> elucida que para Calvino, na exposição bíblica, “o sentido deve ser mais desejado do que o método, e a doutrina, mais do que a eloquência. O significado do texto é o próprio texto”. Calvino defendia que sem o significado correto, o texto é perdido.

Meister<sup>93</sup> observou que outros reformadores estavam na busca de um método exegético que fosse sólido, mas para o autor, Calvino foi responsável por desenvolver “um conjunto de ferramentas hermenêuticas e exegéticas específicas para lidar com o texto bíblico de maneira acadêmica, coerente e prática”, e isto sem dúvida era algo revolucionário em sua época dado o tamanho da autoridade da igreja, isto é, do magistério. Evidentemente que o espírito humanista de Calvino o fez ir mais além. Por isto, Meister<sup>94</sup> ainda elucida que Calvino desenvolve um aspecto exegético quanto ao significado da linguagem e do discurso.<sup>95</sup> Na opinião deste autor, “a relevância do método exegético de Calvino foi a percepção de que a verdadeira literalidade do texto se encontra em sua literariedade, ou seja, o sentido literal encontra-se no sentido literário”.<sup>96</sup>

A importância de Calvino para a reforma foi tanta que, segundo Bray<sup>97</sup>, ele pode ser considerado o pai do estudo erudito moderno. Também para Aquino<sup>98</sup>, João Calvino foi o principal exegeta da Reforma. Em sua hermenêutica *crístotélica*<sup>99</sup>, Calvino olhava para o Antigo Testamento mostrando como cada texto aponta para Cristo conforme a história da salvação. De acordo com Klein, Blomberg e Hubbard<sup>100</sup>, assim como Lutero, Calvino rejeitou

<sup>91</sup> BRAY, 2017, p. 178.

<sup>92</sup> LAWSON, Steve J. **Um perfil de homens piedosos: a arte expositiva de João Calvino**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2010, p. 67.

<sup>93</sup> MEISTER, 2009, p. 116.

<sup>94</sup> MEISTER, 2009, p. 119.

<sup>95</sup> Esta questão se refere assim como o debate da linguagem funciona e como o significado é determinado dentro do contexto linguístico.

<sup>96</sup> GAMBLE apud MEISTER, 2009, p. 119.

<sup>97</sup> BRAY, 2017, p. 178.

<sup>98</sup> AQUINO, 2017, p. 105.

<sup>99</sup> Para um aprofundamento do assunto, ver Aquino, 2017, p. 99-115.

<sup>100</sup> KLEIN; BLOMBERG; HUBBARD, 2017, p. 114.

a alegoria e seguiu a tendência interpretativa da época. Além do mais, Virkler<sup>101</sup> atesta que Calvino considerava “a interpretação alegórica artimanha de Satanás para obscurecer o sentido da Escritura”. Ainda para o autor, Calvino defendia uma interpretação que favorecesse o contexto, a gramática e as passagens paralelas. Calvino afirmou a Escritura como autoridade única e final e o testemunho interno do Espírito Santo como elemento na interpretação.<sup>102</sup> Neste caso, para Calvino, o testemunho não iluminava o processo de interpretação, mas confirmava a interpretação como correta. Calvino afirma:

Portanto, não devemos supor que as pessoas possam fazer a obra do Senhor por iniciativa própria, pois não é possível ao homem saber como falar para a glória de Jesus Cristo, exceto quando as palavras lhe são dadas e quando o Espírito Santo governa sua língua [1 Co 12.3]. E, de fato, é pela mesma razão que se diz que a Sagrada Escritura é a sabedoria que sobrepuja toda a sabedoria humana. E por isso é dito que o homem natural não consegue compreendê-la, mas que Deus precisa nos revelar essas coisas, que de outra forma seriam elevadas demais e ocultas para nós [Sl 119.99; 1 Co 2.14].<sup>103</sup>

O significado do texto é o próprio texto. Calvino defendia que sem o significado correto, o texto é perdido. Por isto, neste sentido, outra abordagem do método exegético de Calvino era *brevitas et facilitas* a busca pelo sentido breve, claro e simples<sup>104</sup>. Para Calvino, “o verdadeiro significado das Escrituras é aquele que é natural e óbvio”.<sup>105</sup>

Com tendências hermenêuticas em comum com outros reformadores, Calvino dá mais um passo no engajamento da reforma protestante e na convicção do afastamento do romanismo. Como humanista, Calvino também faz uso das línguas originais. Meister<sup>106</sup> esclarece que para Calvino, as Escrituras devem ser compreendidas gramaticalmente, antes de serem entendidas teologicamente<sup>107</sup>. Segundo Lawson<sup>108</sup> “Calvino também acreditava que conclusões racionais poderiam ser tiradas de uma passagem bíblica a fim de ajudar na dedução de seu significado”.

<sup>101</sup> VIRKLER, 2007, p. 49.

<sup>102</sup> Neste caso, deve-se entender como uma convicção objetiva de que o que estava claro no texto deveria ser verdadeiro na experiência (BRAY, 2017, p. 194).

<sup>103</sup> CALVIN, John. **John Calvin's sermons on Galatians (1563)**. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1997. p. 363-365.

<sup>104</sup> Para Meister (2009, p. 118), “como um filho da Renascença, Calvino rejeitava a *rhétorique frivole* em favor da *brevitas et facilitas*. Ele frequentemente chamava o leitor a considerar o seu método e recusava envolver-se em discussões que poderiam tornar-se demasiadamente pesadas e incompreensíveis ao homem comum.

<sup>105</sup> Calvin, John. **John Calvin's sermons on Galatians (1563)**. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1997. p. 136.

<sup>106</sup> MEISTER, 2009, p. 122.

<sup>107</sup> Citado na introdução de James Anderson à edição em inglês do Comentário de Salmos. Cf. CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**. 4 vols. São Paulo: Parakletos, 1999, p. 16.

<sup>108</sup> LAWSON, 2010, p. 77.

Bray<sup>109</sup>, por exemplo, lista alguns dos princípios hermenêuticos de Calvino como o de os cristãos terem um encontro pessoal com Deus na Bíblia, a intensão do autor precisar ser o princípio orientador da interpretação, e a hermenêutica cristológica necessitar ser teológica e histórica.

Portanto, seguindo a tendência da época, Calvino segue uma interpretação literal. Assim como Lutero, e seguindo o espírito hermenêutico da época, ele ressaltou o *sensus literalis*, em um dos seus inúmeros comentários, um de Gênesis, sobre Adão ser suscetível ao mesmo engano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Reforma Protestante foi, sem dúvida, um divisor de águas na prática interpretativa da Bíblia. Depois de cinco séculos, ainda lança base ao entendimento do texto para hoje. Os reformadores promoveram assiduamente o sentido literal do texto bíblico e o desmembramento da interpretação romanista alegórica que durou por um milênio. Viu-se também que os reformadores beberam do humanismo e, ao que concerne ao uso das línguas originais, fomentou a compreensão do texto. Como resultado, o período da reforma foi um dos mais férteis em produção literária. Traduções, comentários, gramáticas, léxicos, e muitos outros materiais que até hoje são amplamente utilizados. Com a proposta de fazer entendida a Palavra de Deus ao povo, os reformadores seguiram o princípio da obviedade e clareza.

Embora os reformadores vissem Cristo como o referente verdadeiro do Antigo Testamento se cumprindo no Novo Testamento, não entendiam ser uma interpretação alegórica, mas tipológica. Assim, ao estabelecer critérios próprios, a interpretação reformada passou a ser considerada leitura aceitável com grande influência em todos os círculos cristão. Após uma quebra hermenêutica que durou mil anos, a atitude ousada dos reformados os corou com o brilhantismo próprio da Reforma Protestante. Claro que mesmo entre os reformados houve diferenças de opiniões, como por exemplo, a ceia; mas nenhuma dessas diferenças prejudicou ou até derrubou a tendência literalista da interpretação bíblica do período da Reforma.

Por fim, os reformadores trouxeram de volta o sentido autoral das Escrituras. Eles deram um novo e robusto rumo à interpretação bíblica. Claro que foi um período de muitas mudanças, sobretudo científicas, nos mares com as grandes navegações e descobertas de novas civilizações no novo mundo. O mundo estava mudando, e a interpretação bíblica também precisava mudar,

---

<sup>109</sup> BRAY, 2017, p. 202.

pois o método alegórico tão praticado no período antigo e medieval não respondia mais às questões honestamente, principalmente diante das descobertas dos manuscritos, abusos da igreja e, primordialmente, sede da palavra de Deus. A Reforma era necessária!

## **Bibliografia**

ABDALLA NETO, Tiago Uma proposta de abordagem hermenêutica para a compreensão do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento. **Teologia brasileira**, São Paulo, n. 103, 2015.

AQUINO, de João P. T. A hermenêutica cristotélica de João Calvino. **Fides Reformata**, v. XXII, n. 2, p. 99-115, 2017.

BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CALVIN, John. **John Calvin's sermons on Galatians (1563)**. Carlisle, PA; Edinburgh, Scotland: The Banner of Truth Trust, 1997.

CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**. 4 vols. São Paulo: Parakletos, 1999.

CHOU, Abner. **A Hermenêutica dos Escritores Bíblicos**. Vila Santa Catarina Americana, SP: Impacto Publicações, 2022.

CHRISTOPHER, Cone. **Hermenêutica e método teológico**. Brasília-DF: Editora 371, 2020.

KAISER JR., Walter C. K.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**: como ouvir a palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

KLEIN, William W; BLOMBERG, Craig L; HUBBARD, Robert L. J. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

KÖSTENBERGER, Andreas J; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica**: a tríade hermenêutica: histórica, literatura e teologia. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. Ed. Rev. São Paulo: Hagnos, 2003

LAWSON, Steve J. **Um perfil de homens piedosos**: a arte expositiva de João Calvino. São José dos Campos, SP: Fiel, 2010.

LAWSON, Steven J. **A heroica ousadia de Martinho Lutero**: um perfil de homens piedosos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013.

LONGENECKER, Richard. **Biblical exegeses in the apostolic period**. Grand Rapids: Eerdmans, 1975.

LOPES, Augustus N. Lutero ainda fala: um ensaio em história da interpretação bíblica. **Fides Reformata**, v. 1, n. 2, 1996.

- MATOS, Alderi S. **Fundamentos da teologia histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd publicações, 2005.
- MEISTER, Mauro. A Exegese Bíblica em Calvino. **Fides Reformata**, v. XIV, n. 2, 2009.
- OSBORNE, Grant R. **A Espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- PLUMMER, Rob. **40 questões para se interpretar a Bíblia**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.
- SANTOS, João Alves dos. A igreja e sua confessionalidade. **Fides Reformata**, v. XIX, n. 1, p. 95-110, 2014.
- SANTOS, Valdeci dos. Quem é realmente reformado? Relembrando conceitos básicos da fé reformada. **Fides Reformata**, v. XI, n. 2, p. 121-148, 2006.
- SMITH, James K. **A queda da interpretação**: fundamentos filosóficos para uma hermenêutica criacional. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.
- SPROUL, R. C. **O Conhecimento das Escrituras**: passos para um estudo bíblico, sério e eficaz. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- THISELTON, Anthony. **Hermenêutica**: uma introdução. Campinas, SP: Aldersgate, 2022.
- THOMPSON, John L. **Comentário bíblico da Reforma**: Gênesis 1-11. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto? Interpretação bíblica**: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2007.
- WRIGHT, N. T. **O Novo Testamento e o povo de Deus**: Origens Cristãs e a Questão de Deus. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.